

La bajamar

Autor:

Aroa Moreno Durán

Mulheres e mães de três gerações têm suas vidas revisitadas, confrontadas e apresentadas de forma cortante, em linguagem sofisticada, por Aroa Moreno Durán, no romance *La bajamar*.

O simbólico movimento do mar, entre a maré alta e a maré baixa, pontua a narrativa, encobre e revela as relações afetivas e conflituosas entre mães e filhas. As partes do livro são nomeadas com a alternância entre “Marea alta” e “Marea baja”, entremeadas por “El limo”, potencializando os significados que essa matéria envolve, entre a fertilidade e a repulsa, origem e fim.

Ruth, Adriana e Adirane - mãe, avó e filha - transitam entre viagens, conflitos e mortes. A mais jovem vai visitar a mãe e a avó, com o objetivo de registrar as memórias desta, já em idade avançada, e contar a história de sua família, na qual se reflete a de outras famílias. Explicitado como o desejo de fazer “um mosaico de memórias”, essa é a melhor definição do livro.

Cada capítulo é narrado do ponto de vista de cada uma delas - cujo nome está indicado abaixo do título dos mesmos -, sendo apenas a história de Adirane em terceira pessoa. Memórias, tempos e olhares estão intercalados, mas as vozes constroem mais monólogos do que diálogos. A condição feminina e maternal é exposta com intensidade e dilaceramento por Adriana:

Hay una extraña relación entre las mujeres maternas de una familia. La célula de la que nació mi hija fue fabricada a la vez que yo en el útero de mi madre. Mi hija, en su sentido más primigenio, en su más complejo no-sentido, en esa forma de ser inexplicable de lo que solo existe potencialmente antes de ser, de alguna manera, también estuvo dentro de mi madre conmigo (p. 32).

O significado do nome Ruth é explicitado: “La mujer que se marchó de Belén para ir a Moab huyendo de una hambruna” (p. 39), com o qual a personagem afirma identificar-se - sobrevivente da Guerra Civil Espanhola e do pós-guerra. Sua vida é pontuada pela morte do irmão, Matías, fato com que o livro se inicia, mas cuja explicação é apresentada à medida que a narrativa avança. A história constantemente repetida fica entranhada na personagem - “era el Hermano muerto más vivo del mundo” (p. 40) - e paira sobre a narrativa.

O significado de Adriana e Adirane é evidente: a troca de letras remete à reorganização do nome da personagem mítica Ariadne/Ariadna - responsável pelo fio que conduz Teseu à saída do labirinto. Neste caso, o labirinto é a própria vida. E salta aos olhos que os nomes estão um dentro do outro, espelhando a imagem da boneca russa condensada na citação referente à maternidade.

Adirane abandonou a mãe no passado; no presente, abandona a própria filha pequena, para fazer essa viagem de reencontro, consigo mesma e com as progenitoras. Nessas histórias que são desentranhadas, expõem-se as vísceras da Espanha: a guerra, a ditadura, a fome, seu impacto na vida social e suas marcas ao longo do tempo. Todas as feridas expostas poderiam ser condensadas

em uma imagem bastante simbólica no capítulo que abre o livro: “cinco peces muertos y sin cabeza sobre la mesa de la cocina. Y unas tijeras abiertas” (p. 16). A narrativa que se desenvolve contextualiza o antes e o depois dessa cena, expondo as vísceras e o sangue derramado, fruto da violência, relacionados à morte, mas também presentes no nascimento.

A solidão, o silêncio e a dor atravessam a vida das três protagonistas, mas o drama de cada uma delas parece diminuir a cada geração, de modo que a vida de Adirane parece ter menos sentido, o que ela busca preencher ao revisitar o passado. A macro e a microhistória se entrelaçam em uma linguagem sensível da talentosa autora, cujo reconhecimento é cada vez maior. Além das vísceras, tanto os sentimentos bons quanto os ruins são expostos ao longo da narrativa.